

LINGUAGEM E EDUCAÇÃO

Celso Morari — 4.º ano de Letras

A humanidade sempre deu muito crédito, sempre supervalorizou e continua a supervalorizar a palavra. Por palavras se fizeram guerras, homens morreram ou foram mortos, riquezas foram perdidas, governantes caíram, políticos foram destituídos de suas posições e seus direitos. Deu-se muito valor à palavra (às vezes puras e simples palavras) de certos líderes, de certas "inteligências" expoentes. Palavras inoportunamente ditas tiram-nos a liberdade ou fazem-nos temíveis, ou temidos, perante outros ou perante a sociedade constituída.

Palavras de alguns pensadores, devida ou indevidamente interpretadas, constituíram-se no embasamento de religiões e não-religiões, de sistemas, de ideologias, que encobrem e limitam a vida de percentuais elevadíssimos da humanidade.

Entim, são tantas e de tantos gêneros as palavras que o indivíduo diz ou tem de ouvir.

Ora, falando-se na palavra, fala-se da linguagem. A linguagem do homem. A linguagem e seus problemas e seu alcance. Esta linguagem que está onde está o homem. Esta linguagem que dificulta ao homem atual manter-se como indivíduo autônomo, pois ele já não tem suas idéias, ou se as tem, não pode cultivá-las, expressá-las, defendê-las.

A comunidade (hoje não se concebe mais nada que não seja em comunidade), termina sempre impondo, inculcando, substituindo no indivíduo as suas idéias, as suas regras de jogo. Sobra pouco para o homem que, entre a integração (e conseqüente renúncia à individualidade) e a marginalização, fatalmente tem de optar pela primeira. Isto não se constitui num problema novo, numa novidade, enfim.

O homem consciente — quantos haverá? —, o homem que estuda, o filósofo, sente o problema, pensa, reflete; mas nada ou pouco pode fazer. A máquina da sociedade, o corpo de idéias, de ordens que se nos apresentam gritam mais alto e nos mantêm no engano.

Diz-se que o homem é vocacionalmente social. Mas se acentuou por demais esta faceta. Diferente talvez não deveria ser, mas, tal vocação parece comprometê-lo. Pois, é justamente aí que ele renuncia à sua autonomia, à sua liberdade de expressão e coloca-se em dependência do grupo social.

Que vem fazendo então a Escola? Corresponde ela às atuais exigências educacionais perante a situação? Deverá ser extinta...?

O HOMEM

Quem é o homem?

Todo conjunto de ciências de que dispomos até hoje não conseguiu desvendar este mistério cognominado homem.

Vejamos a significação do termo:

ANTHROPOS — grego — é aquele que olha para cima e para a frente. Já envolvendo algo do conceito existencial da atualidade, já aspirando a coisas mais altas e mais nobres que as puramente sensoriais.

HOMO — latim — proveniente de húmus, nascido da terra — alude mais à essência original do homem. Formado de terra, como os demais animais, mas, transcendendo-os pelo sopro de vida que nele circula. Aspira a um mundo superior a este onde está preso.

MENSCH — alemão — o ser pensante que tem a capacidade de avaliar, selecionar e organizar as coisas.

Mas que é o homem? Já na "Antígona" de Sófocles pode se ler: "Muitas são as coisas dotadas de vida. Nenhuma delas, no entanto, supera o homem em grandeza."

Talvez seja, biologicamente, o mais inerme dos animais, mas este é um fator básico de sua força, do desenvolvimento de suas qualidades humanas. Ele será sempre um ente desconcertado, marcado pela angústia existencial, porquanto continua sendo um grande mistério para si mesmo e para o mundo. Ele não está concluído, não se completaram suas dimensões. Anseia platonicamente pela solução do mistério que o atormenta, pela satisfação dos infinitos desejos e opções com que se depara.

Na tentativa histórica de encontrar uma definição de si mesmo, o homem tem se deparado com diversas tentativas, às vezes contradizentes uma com a outra. E são muitos os revezes. Chega, não raro, à náusea de viver. Daí o derrotismo existencial, a negação de tudo e de si mesmo. Angustiado e sem respostas recorre ao entorpecente, a violência, ao desespero e outras torpes evasivas.

Houve o marxismo a apontar o problema do Homem: culpa do capitalismo e da religião.

Houve Nietzsche, obcecado pela idéia de criação de um super-homem caracterizado pela cultura e possibilitado pela libertação do verdadeiro "eu", o eu-indivíduo, liberto do social, do religioso, do político. Aliás, é bastante explícito quando diz: "O homem é como uma corda estendida entre o animal e o super-homem" (GILES, T. R. (Org.), 1975, pág. 73).

Contudo, parte da verdade reside nas diversas filosofias já proclamadas. O que é inofismável é que o homem é um ser dotado de muitos valores intrínsecos e extrínsecos à sua natureza.

Da Antigüidade até a Idade Moderna o homem foi visto como uma peça integrante do cosmos. Era um homem exteriorizado porque ainda não descobrira sua interioridade. Esta era uma posição tomada também pelo Cristianismo com fundamentação no Gênesis. O centro, o autor, o feitor de tudo, era Deus. Mais tarde, Descartes centraliza o homem no todo universal. E então a razão substitui a Deus. O fundamento de tudo passa a ser o "eu pensante". A partir daí volta-se para si, para sua interioridade.

Mas qual é a posição do homem no cosmos? Depois da Primeira Grande Guerra os filósofos tiveram que rever, de modo geral,

os valores e verdades. Voltaram-se para o homem como um todo situado no mundo concreto. Surgiram então os grandes existencialistas. Scheler, Heidegger, Jaspers, Sartre, Marcel etc.

O homem quando nasce, nasce com uma abertura de infinitas possibilidades de realização. Correspondendo a tantas possibilidades não se contenta nunca com o que existe em seu redor, anda numa constante busca. É pelo que se diferencia do animal comum, o qual não anseia. Ele possui a cultura que é o conjunto de modificações do mundo que lhe garante a sobrevivência (segundo Ortega Y Gasset ao homem só interessa o "como viver" e não o "viver").

O homem é varado pela volúpia do futuro, do novo, do ainda não conhecido. Segundo Urbano Zilles (Enfoque n.º 4, 1973, pág. 3), o homem é um "espírito-em-mundo", isto é, está no mundo mas não se coaduna com ele por causa de sua propriedade de pensar, sentir, conhecer, querer e amar. É um tresloucado, um ser que anseia pelo não-ser, pelo que ainda não é.

Vale a pena transcrever: "... O único ser vivo na Terra capaz de simbolizar e conseqüentemente de ter linguagem articulada (inteiramente simbólica) e, portanto, de criar, receber e transmitir cultura." (Enciclopédia BARSA, pág. 365).

A LINGUAGEM

Além Zóon Politikón (Aristóteles), homo sapiens (Linéu) e homo faber (Bergson), o Homem é um homo loquens. Além de sábio, social e obreiro, é falante. Comunica o que pensa e sente.

Linguagem é a expressão da faculdade comunicativa. É um sistema de sinais articulados, sinais sonoros, visuais, tácteis, ou de outra natureza. Acompanhada, quando oral, da mímica. Inclusive, nalgumas línguas indígenas é indispensável a mímica para o entendimento.

A linguagem humana distingue-se da animal — voz e gestos — pela característica da racionalidade com a qual os animais não vão além da "ação e eficiência", segundo Gabelentz.

Já Walter Porzig diz que a articulação se constitui na linha divisória entre a linguagem animal e a humana. Entende-se a articulação como a divisibilidade em elementos da enunciação vocal.

A propriedade essencial da linguagem humana é a de ser representativa em seres e processos. É representativa de todo o mundo que por trás dela se constrói.

Karl Bühler acrescenta à função representativa a função da exteriorização psíquica (manifestação do estado da alma) e a função da atuação social ou apelo pelo qual atuamos sobre o próximo na vida social. Mas, é sobretudo pela representatividade que se distingue da animal a qual, em menor grau, tem as duas últimas. Da representatividade resulta a significação permanente, a divisibilidade e a articulação.

Mas justamente por causa do caráter representativo presente na linguagem humana, as funções da exteriorização psíquica e da atuação social ou apelo adquirem um caráter "sui generis" que as distingue das correspondentes animais. Definem e traduzem com maior precisão aquilo que vão expressar.

A linguagem só ocorre quando os sons vocais criam a comunicação no nível superorgânico, fator que a caracteriza como humana.

"A linguagem é uma criação do Homem na base de suas faculdades humanas, tanto como outros produtos, quer materiais (...), quer mentais (...)" (TAYLOR, 1874, I-1). Além do mais, a linguagem depende da cultura, existe em função da cultura, pois tem de expressá-la a todo momento na sociedade. É esta sua finalidade básica. Em si não tem razão de ser. Processa o intercâmbio cultural. Presta-se para o ensino e transmissão das aquisições culturais. Ela só pode firmar-se e desenvolver-se pela atividade mental humana.

Além de instrumento de exteriorização é um caminho que conduz ao mundo interior do indivíduo. Se compreendemos o mundo exterior é porque o reconstituímos no nosso íntimo pela atividade mental de nosso intelecto.

Se nossa linguagem deixa, por vezes, de ser elevada e de ter lógica, é porque ainda somos animais dotados de sentimentos, emoções, apetites.

As novas comunicações de hoje são novas linguagens cujas gramáticas o indivíduo ainda desconhece, mas tem de desvendar, decifrar para que não seja por elas subjugado. É a nova linguagem do rádio, cinema e televisão a codificar, cada uma delas à sua maneira, a realidade.

EDUCAÇÃO E ENSINO

"Processo pelo qual uma pessoa ou grupo de pessoas adquirem conhecimentos pessoais, científicos, artísticos, técnicos ou especializados com o objetivo de desenvolver sua capacidade ou aptidões." (BARSA, pág. 285).

O escopo primordial da educação é o de dotar o homem de instrumentos culturais capazes de impulsionar as transformações materiais e espirituais exigidas pela dinâmica da sociedade. A educação aumenta o poder do homem sobre a natureza e, ao mesmo tempo, busca conformá-lo, enquanto indivíduo, aos objetivos de progresso e equilíbrio social da coletividade a que pertence.

A educação tem por finalidade dar ao Homem o domínio pleno de suas inclinações. Educar-se é conquistar a si próprio, é buscar o equilíbrio das próprias tendências internas e orientá-las para a produção, para as realizações da vida.

O homem precisa da liberdade como um valor muito enraizado ao seu ser. Hoje o homem não tem esse direito. Não à liberdade de movimento, mas de escolha, de opção de vida e realização pessoal. É o problema vivido no dia-a-dia e na educação.

Como pregou Graça Aranha em Canaã, o homem talvez só se liberte através da educação, da cultura.

A escola, com seu sistema de ensino, tende a transformar os privilégios sociais em privilégios naturais. Tende sempre a consagrar a sociedade burguesa que ela cria. Suas hierarquias escolares são justamente as hierarquias sociais. Assim, além de sua função ideológica, ela sanciona uma das formas mais encobertas e eficazes de privilégio de classe.

Na nobreza, segundo Pascal, o homem pode chegar à consagração e ao respeito de todos aos dezoito anos, ao passo que outro qualquer talvez o consiga lá pelos cinquenta anos.

O mesmo acontece na Escola: os títulos escolares permitem adquirir a crédito, antes dos outros, precocemente, queimando etapas, sem respeitar as fórmulas e prazos usuais, os cargos, os lucros, as honras, os prazeres, enfim todos os benefícios materiais e simbólicos que os outros terão de pagar à vista, isto é, quando tiverem comprovado devidamente e adquirido garantias para tal com muito trabalho e suor.

Por outro lado, a burocratização excessiva na mentalização ocidental tornou a educação muito racional, muito abstrata. Ao ponto de ela visar quase sempre o "homem culto" e não o "homem especialista", o perito. Não visa o preparo especializado. Isto ainda deriva de quando visava formar cavalheiros, "gentleman" para as cortes.

Para a educação do indivíduo hoje é preciso aprender a gramática dos atuais meios de comunicação. Vivemos um tempo em que a individualidade é sinônimo de suicídio. Todos têm de se integrar na horizontalidade, na mediocridade. Tem-se de fugir à excepcionalidade. Não há lugar para o gênio, para o excepcional.

Segundo McLuhan (Revolução na Comunicação, 1971, pág. 17), a quantidade de informações colhidas extra-aula excede as informações colhidas na escola. Informações propiciadas pelos influentes meios de comunicação, principalmente o rádio e a televisão. Mas estariam estes poderosos órgãos desenvolvendo a capacidade de julgamento e discriminação no indivíduo pela experiência social corrente ou estarão apenas oferecendo suas funções? É preciso que comece a não distinguir entretenimento de educação: ambos devem acontecer simultâneos. Não há hora para entretenimento e outra para educação. Sempre se está ou entretendo ou educando.

A grande massa, aquela que está dominada pelos "mass media" hoje estaria recebendo uma educação, uma cultura fragmentária, constituída de pequenos mosaicos ou "culturemas" como os chamou Lévi-Strauss. Seria uma educação superficial, sem profundidade. Mas haveria, também, uma segunda camada constituída pelos criadores, isto é, aqueles que mesmo imersos no mundo dos "mass media" conseguem manter-se superiores. Superiores não, apenas mais ativos e dotados de maior potencial de novidades. Hoje é gênio criador quem conseguir operacionalizar maior número de culturemas. São gênios que todo dia ouvem rádio, vêem televisão e lêem os jornais diários.

O nosso sistema de ensino é muito abstrato, muito teórico. Findo o curso tem-se de levar muito tempo ainda para uma adaptação, para um estágio, antes de estar em condições de exercer a profissão. Acontece que o ensino atual ainda não conseguiu passar de palavras, sem imagens concretas. Falta objetividade no ensino, o qual, perde-se em futilidades, em desafios heróicos para a capacidade intelectual do aluno que, no abstracismo tende a se desdobrar mentalmente para poder fixar o conetúdo.

Nós próprios, na preparação ao magistério, passamos praticamente sem experiência.

A escola deveria ser como uma oficina onde o aluno é um aprendiz, de cinzel em punho, sob os olhos orientadores do mestre. Seria um local de treinamento. Aprendizado e estágio seriam concomitantes.

A lei da reforma do ensino não se refere em nenhum momento à escola como organização dotada de equipamento material e humano que propiciem o desenvolvimento da profissionalização. Diz apenas que a escola deverá propiciar ensino profissionalizante em nível de segundo grau. Isto significa que quer um ensino profissionalizante sem ter uma escola profissionalizante. Além do que, creio, faltam, para tanto, uma filosofia de vida mais autêntica e um clima psicológico propício.

A escola deveria criar a mentalidade de que tem o dever de despertar no aluno uma mente inquisitiva e um espírito crítico; de despertar uma atitude de pesquisa e criação em relação à vida; de despertar as potencialidades inatas no indivíduo, ainda não descobertas.

Não são todas as escolas que podem fornecer ensino profissionalizante. Por outro lado as escolas não formam nem profissionais e nem bons vestibulandos.

A situação atual é uma situação nova devido à evolução dos fatos. Para esta situação nova é preciso uma fórmula nova. Hoje encontramos um homem envolvido pela complexidade da vida moderna, gerada mais pela revolução propiciada pelos meios de comunicação social que apequenaram o mundo, reduzindo-o a uma "aldeia global", como dizem palavras McLuhanianas.

Perante tal situação o homem precisa de uma "educação integral" para poder sobreviver cultural, social, afetiva, moral e psicologicamente. Mais do que nunca se precisa de um homem equilibrado, capaz e, sobretudo, consciente. Possuidor de uma educação concorrente aos nossos dias. O que acresce a responsabilidade do mestre e da escola. Sim, porque devem preparar um homem que se liberte das peias da família, dos educadores e patrões para que ele próprio construa seu mundo, sua vida. Hoje tudo tem nova linguagem. A escola tem de ser dinâmica, evolutiva, progressista. Deve ser uma escola em readaptação permanente para uma educação permanente. Uma educação para a libertação, para a autonomia, para o respeito à dignidade humana e que, sobretudo, propicie ao indivíduo um juízo crítico dos valores atuais. Sempre lembrando que ela estará ou a favor do homem ou contra o homem; que não esteja a serviço de ideologias baratas.

Não se quer pregar o fim da escola, mas uma remodelação da mesma, uma revisão mais profunda de objetivos do que estas reformas de ensino até hoje promulgadas, sem, para isto, desfazer-se do humanismo para o qual sempre esteve voltada (sem nunca atingi-lo plenamente, porém). Ainda creio no homem como um ser capaz de auto-governar-se no agir em busca da felicidade: finalidade fundamental de nossos atos, razão última de toda esta ansiedade que nos caracteriza.

CONCLUSÃO

Tem-se de reconhecer que a situação atual que envolve os fatores Linguagem e Educação é crítica. Isto é, vivemos num mundo

em que a tecnologia e o sistema de vida progressista de nossos dias nos apresentam uma linguagem diferente, evoluída, nova. Uma linguagem ainda desconhecida da grande massa humana com a qual entra em choque. Elas não comungam ainda. E esta situação interfere na educação desta grande massa. Na educação e no modo de ver, sentir e ser.

Praticamente sem buscá-las, as informações vêm ao encontro do homem. Elas se apresentam convidativas, quando não imponentes, taxativas. E então o homem tem que ser um forte. Forte para resistir e forte para bem escolher, forte para condenar. Pelo que ele carece de preparação e orientação para manter-se ele mesmo, para manter-se autônomo e tranqüilo, capaz de esperar o amanhã incerto: é este o papel da nova escola, da escola descristalizada, evolutiva, transformadora... da escola que tem uma missão que talvez não seja impossível: salvar a Sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — GILES, Thomas Ransom, **História do Existencialismo e da Fenomenologia**, vol. 1.º, 1a. edição, São Paulo, E. P. U. (Editora Pedagógica Universitária Ltda.) e EDUSP (Editora Universidade de São Paulo), 1975.
- 2 — MCLUHAN, Marshall; CARPENTER, Edmund et alli, **Revolução na Comunicação**, 2a. edição, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.
- 3 — CAMARA Jr., J. Mattoso, **Princípios de Lngüística Geral**, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1973.
- 4 — CHOMSKY, Noam, **Linguagem e Pensamento**, Petrópolis, Vozes, São Paulo, 1972.
- 5 — Enciclopédia BARSÁ, volumes 5, 7 e 8.
- 6 — ZILLES, Urbano, "Homem, Centro da Reflexão Filosófica", in **Enfoque** n.º 04, Bento Gonçalves, 1973.
- 7 — STEFANI, Ernesto Daniel, "Filosofia do Homem", in **Jornal "Mundo Jovem"**, n.º 89, PUC-RS, Porto Alegre, 1976.

K